

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
FERNANDO MATOS SILVA: O CINEMA A FAZER A REALIDADE
18 de janeiro de 2024

INSTRUÇÃO DO EXÉRCITO NA GUINÉ – BOLAMA / 1970

Um filme de Serviços Cartográficos do Exército

Realização e montagem: Fernando Matos Silva (não creditado) / *Direção de fotografia:* José Luís Carvalhosa (não creditado) / *Som:* José Nascimento (não creditado)

Produção: Serviços Cartográficos do Exército, Unidade de Fotografia e Cinema / *Cópia:* 16mm, preto e branco, falada em português / *Duração:* 16 minutos

ACTO DOS FEITOS DA GUINÉ / 1980

Um filme de Fernando Matos Silva

Realização: Fernando Matos Silva / *Argumento e diálogos:* Margarida Gouveia Fernandes, Fernando Matos Silva, João Matos Silva (não creditado) / *Assistência de realização:* Francisco Manso / *Direção de fotografia:* José Luís Carvalhosa / *Operador de imagem:* Alexandre Gonçalves / *Assistência de imagem:* José Manuel Maia / *Iluminação:* José Mourão, Constantino Guimarães / *Decoração* (telas pintadas): Moniz Pereira / *Direção de som:* Carlos Alberto Lopes / *Misturas de som:* Luís Barão, António Bento / *Música:* Fausto Bordalo Dias / *Montagem:* Fernando Matos Silva / *Assistência de montagem:* Francisco Manso / *Interpretação:* José Gomes (“A História”), Virgílio Massinge (“O Guerrilheiro”) e Povos da Guiné-Bissau e Portugal

Produção: Cinequipa / *Laboratório de imagem:* Ulyssea Filme / *Laboratório de som:* Nacional Filmes / *Distribuição:* Cinequipa / *Primeira apresentação pública:* setembro de 1980, Festival de Cinema da Figueira da Foz / *Estreia internacional:* fevereiro de 1981, Festival de Cinema de Berlim, secção Forum / *Estreia comercial:* 12 de julho de 1994, Cinema Quarteto / *Cópia:* DCP (1.ª apresentação da nova cópia digitalmente restaurada na Cinemateca), cor e preto-e-branco, falada em português e francês / *Duração:* 86 minutos

Com a presença de Fernando Matos Silva.

INSTRUÇÃO DO EXÉRCITO NA GUINÉ – BOLAMA

Após o serviço militar obrigatório, Fernando Matos Silva é “chamado para a tropa” em 1961, poucos meses depois do 4 de fevereiro de 1961, em Angola, momento que marca o início da guerra da independência dos territórios colonizados por Portugal. Acabou por não ser mobilizado e regressou à vida civil até que, em 1969, a turma de recrutas de 1961 é chamada para o curso de capitães. Matos Silva regressa ao exército só que, dada a sua experiência em cinema (havia sido assistente de realização de **Os Verdes Anos**, **Belarmino**, **As Ilhas Encantadas**, havia estudado três anos na London School of Film Technique, havia realizado documentários industriais e filmes de publicidade), rapidamente é integrado na Unidade de Fotografia e Cinema – ditos Fotocines – dos Serviços Cartográficos do Exército (divisão administrada pelo jornalista e crítico de cinema Baptista Rosa). Aí chegado, é encarregue de realizar três filme de propaganda militar na, então, “Guiné Portuguesa”, sobre a ação dos três ramos das Forças Armadas, o Exército, a Marinha e a Força Aérea – chega à Guiné-Bissau no final do ano de 1969 e regressa a meio de 1970 (repetindo o mesmo serviço em Angola entre o final de 1970 e meados de 1971).

Num documento promocional de **Acto dos Feitos da Guiné** o realizador recordou: «Um dia desembarquei numa gare de aeroporto – Bissau. O calor tinha-se feito sentir uns metros acima das nuvens. À nossa volta enquanto controlávamos o nosso equipamento de 16mm, voltejavam, quais pequenos helicópteros, umas abelhas (...). Lembro-me de ter dito ao José Luís [Carvalhosa, Diretor de Fotografia] que devíamos começar já a filmar o “exótico”. (...) Fui chamado à realidade pela voz de um oficial: “É o capitão Matos Silva?” “Sou, sim Senhor!” Estendeu-me a mão e disse-me com simpatia: “Capitão Eanes. Venho buscá-lo!”. Voltei à realidade. Eu estava ali para fazer filmes de guerra. Voltámos a falar mais tarde sobre o meu programa de filmes militares, numa pequena vivenda estilo colonial à beira do Pilão. Dois dias mais tarde, depois de recebido pelo Comandante-chefe General Spínola, embarquei para Bolama (...).»

Instrução do Exército na Guiné – Bolama é, assim, o primeiro dos “filmes de guerra” que Fernando Matos Silva realiza, dois dias depois de chegar à Guiné. De facto, no filme acompanha-se a visita do, então, Comandante Chefe e Governador da Guiné, o General Spínola, ao Centro de Instrução Militar na cidade

de Bolama. O filme segue o protocolo militar: apresentação dos mancebos (todos negros) a fim de serem incorporados, distribuição de fardamento aos novos recrutas, instrução de preparação física e técnica, instrução de reação em emboscada, culminando com a realização, no Estádio Sarmento Rodrigues, a 11 fevereiro de 1970, a cerimónia de graduação de novos quadros naturais da província e juramento de bandeira da 1ª Companhia de Comandos da Guiné sob a presença de Spínola.

O filme cumpre o seu propósito propagandístico e, visto em conjunto com **Acto dos Feitos da Guiné**, choca pelo seu lado higiénico. Os preparativos para o combate são inócuos. Os saltos e acrobacias dos vários recrutas não traduzem qualquer noção de perigo. No fundo, fica-se com a sensação de que a guerra é apenas uma série de exercícios mais ou menos lúdicos. A violência dos confrontos e o horror dos feridos estão completamente arredados deste “filme de guerra”. **Acto dos Feitos da Guiné** é a resposta a trabalhos como **Instrução**: é a manifestação gráfica da violência (tanto do lado dos amputados do napalm como dos mortos do exército português). Não surpreende, por isso, que para conseguir captar o horror, Fernando Matos Silva tenha recorrido aos arquivos franceses e suecos, porque as imagens oficiais do Exército Português (mesmo quando realizadas pelo próprio) em nada traduziam a realidade. **Acto** ilumina o lado oculto da propaganda, ilustrando os dois lados do conflito.

Ricardo Vieira Lisboa

ACTO DOS FEITOS DA GUINÉ

O mito do “Império Colonial”, hipótese de grandeza de “Portugal uno e indivisível do Minho a Timor” foi lema (um dos mais proclamados e um dos mais mitificados) do país e do regime que o comandou em ditadura durante 48 anos. Quando a guerra foi declarada e a autodeterminação e independência dos povos africanos se tornou uma exigência, serviu “naturalmente” de pretexto à célebre frase de Salazar, “para Angola, rapidamente e em força”. Indubitavelmente, a questão colonial, a colonização portuguesa em África e o seu triste desfecho numa guerra que se arrastou e agastou, esteve no centro da crise política que conduziu à sublevação das Forças Armadas em 1974. Mesmo se as negociações com os movimentos de libertação, o cessar-fogo na Guiné, Moçambique e Angola, os processos de descolonização que se seguiram foram dos mais significativos e traumáticos momentos da democracia portuguesa, as referências, tanto à guerra colonial como à descolonização, não primaram pela abundância durante largas décadas. De 1980, **Acto dos Feitos da Guiné** é um dos filmes que os retrata.

O filme de Fernando Matos Silva guarda marcas autobiográficas, onde se conjugam as imagens documentais e a ficção, distintas, neste caso, pela cor das sequências de ficção que encenam um “Acto” onde os “feitos” são contados por personagens que representam voltadas para a câmara, saídas de portas temporariamente abertas, em contraste com o preto-e-branco das imagens filmadas no território da Guiné-Bissau no fim da década de 1960. O realizador parte da sua experiência pessoal, cruza-a com uma personagem de ficção, a “história”, para traçar uma história da passagem portuguesa pelo território africano: a da descoberta portuguesa da Guiné, a do reconhecimento da soberania portuguesa pelo Presidente dos Estados Unidos em 1870, a da exaltação do “fascista”, a da guerra colonial contada pelo “comando” e pelo “guerrilheiro”. Mas mais do que a encenação do “Acto”, são as imagens de guerra, cruas e extremas de ambos os lados, o mais impressionante. E além do horror explícito delas, a guerra, os estropiamentos, a morte, sobretudo impressionante é o profundo cansaço dos rostos dos soldados.

Chamado para o curso de capitão miliciano em 1969 e nomeado no mesmo ano para o departamento de cinema do Exército, Fernando Matos Silva esteve destacado na Guiné-Bissau em 69/70, e depois em Angola, onde realiza vários filmes de carácter militar. Na Guiné, filma, em 16 mm, com película levada de Lisboa, imagens para um futuro documentário: estas que utiliza no filme acabado de rodar depois do fim da guerra colonial, em 1980. As recordações e as imagens captadas nos dois anos passados na ilha de Bolama, uma das ilhas do arquipélago dos Bijagós, constituem a essência do filme. No princípio uma voz conta como iniciou um diário, fez desembarcar um caixote de livros, como teve contacto com a Guiné e como se equivaliam, a máquina fotográfica e a G3 que transportava.

Assim, devedor da experiência pessoal do seu realizador, **Acto dos Feitos da Guiné** é de certo modo um filme em primeira mão que a ela justapõe a ironia como forma possível de distância.

Maria João Madeira